

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O ENSINO E A QUESTÃO REGIONAL

Helena Copetti Callai

Boletim Gaúcho de Geografia, 19: 80-85, maio, 1992.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38018/24503>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1992

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

O ENSINO E A QUESTÃO REGIONAL

Helena Copetti Callai*

As questões teóricas e a nossa prática cotidiana, como professores de Geografia, fazem parte das discussões que historicamente nos propomos e realizamos, tendo sempre a perspectiva do ensino que fazemos e o ensino que queremos.

Como parte disto, dentre outras características da ciência e da Geografia, está a questão regional ou, melhor dizendo, os recortes que a Geografia faz no espaço, especialmente para ensinar (mas não apenas) esta disciplina, tida por muitos como de simples descrições e de memorização, que serve mais para "ilustração" do que qualquer outra coisa. Em consequência, além da discussão metodológica, se coloca constantemente a validade desta disciplina no primeiro e no segundo graus.

Por que estudar Geografia?

Podemos colocar três razões para responder a esta pergunta. Primeiro: para conhecer o mundo e obter informações, e há muito tempo o motivo principal para estudar Geografia. Segundo: podemos acrescentar que a Geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem. Ao estudar certos tipos de organização do espaço, procura-se compreender as causas que deram origem a formas resultantes das relações entre sociedade e natureza. Para entender estas, se faz necessário compreender como os homens se relacionam entre si. Terceira razão: não é no conteúdo em si, mas num objetivo maior que dá conta de tudo o mais, qual seja a formação do cidadão. Instrumentalizar o aluno, fornecer-lhe as condições para que seja realmente construída a sua cidadania é objetivo da escola, mas à Geografia cabe um papel significativo nesse processo, pelos temas, pelos assuntos que trata.

Que Geografia estudar?

A Geografia é uma ciência social. Ao ser estudada tem que considerar o aluno e a sociedade em que ele vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade em que vivemos. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou de fragmentos do espaço, ensinando como se fossem verdades em si.

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento em que se encadeiam.

Não é aquela Geografia que mostra um panorama da terra e do homem, fazendo uma catalogação enciclopédica e artificial, em que o espaço considerado e en-

* Professora no Curso de Geografia da UNLJUI.

sinado é fracionado e parcial, e onde o aluno é um ser neutro, sem vida, sem cultura e sem história.

O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico.

Este é o desafio que temos: fazer da Geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade em que vivemos e na qual que se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da interligação entre o espaço natural, com todas as suas regras e leis, com o espaço construído, transformado constantemente pelo homem.

Para ir além da aula descritiva e distante, exige-se um esforço do professor, para trazer para a realidade do aluno aquilo que está sendo estudado; para ir além das descrições (sejam elas expositivas do professor, escritas no livro didático ou apresentadas nos mapas) quando procura estudar o porque do espaço se apresentar de um ou de outro modo. Conformer Andrade (p. 32) "Assim, há no estudo geográfico uma parte descritiva, daquilo que está a mostra, inclusive nas transformações que se apresentam, como também aquela parte que foge à percepção visual e é representada pelas razões que deram origem à forma, que ditaram as suas transformações e as perspectivas de transformações futuras."

Essa dinamicidade do processo de construção do espaço tem que ser compreendida pelo aluno. O que vai sendo estudado não pode ser apresentado como pronto e acabado como se no processo das relações da sociedade com a natureza, o homem fosse produzindo o espaço, substituindo, dominando ou devastando a natureza o espaço natural, de uma forma linear, sem encontrar obstáculos pela frente, e criando um espaço organizado no lugar do espaço natural, naturalmente. E mais, esta produção do espaço nunca está pronta, encerrada, há uma dinamicidade constante que, segundo o mesmo autor, exige que se "possa analisar tanto as condições do meio natural, submetidas também a um processo dinâmico, como conhecer bem a estrutura da sociedade em que se vive."

Como fazer isto com alunos de primeiro grau (e mesmo de segundo grau), se as informações são tantas; os lugares estudados muitas vezes tão distantes e estranhos?

A escala de análise?

Aí é que entra a questão da escala de análise. Qual o espaço a ser estudado? Que recortes fazer? Quais os critérios que estabelecem estes recortes? Como considerá-los?

Ao estudar a Geografia do Brasil, por exemplo, temos uma realidade que é NACIONAL, mas temos também uma diversidade muito grande, com áreas mais desenvolvidas e outras em processo de ocupação (isto numa caracterização geral sem falar das especificidades de cada área). Para que a análise seja capaz de dar conta das explicações do conjunto e do fenômeno estudado, como um todo, requer que se incorpore os diversos níveis de análise. No exemplo acima, além das explicações de caráter nacional, há que se incorporar os outros níveis de análise: o LOCAL, o REGIONAL, e o GLOBAL (ou internacional). Além de buscar as explica-

ções em diversos níveis de análise, pois as explicações do que acontece não estão em um lugar apenas, deve-se considerar como importante onde iniciar o estudo. Andrade (p. 62), ao falar dos livros didáticos usados em Geografia, diz que... "além de melhorados em seus níveis pedagógicos e científicos, devem ter uma orientação mais regional, a fim de que os estudantes comecem a aprendizagem a partir da paisagem com que convivem, que visualizam diretamente e daí possam partir para a análise de paisagens nacionais e internacionais. A Geografia não pode ser ensinada a partir de grandes concepções e generalizações. Ela deve dar maior atenção à produção do espaço, nos vários estados."

Os fenômenos acontecem no mundo, mas são localizados temporal e territorialmente em um determinado LOCAL. Isto quer dizer que fenômenos que acontecem em certos lugares e em determinados períodos têm influência noutros lugares e noutros períodos, inclusive. As explicações para o que ocorreu devem ser buscadas noutros lugares também, além do lugar e do momento em si. As explicações sejam sociais, econômicas ou naturais (no sentido de espaço físico) podem ser buscadas no lugar em si, mas não se esgotam nele apenas. Devem ser considerados ou esgotados os outros níveis de análise. Caso contrário há o risco de explicações simplistas, que não abarcam toda a análise necessária e que justificariam, de forma natural, problemas que são essencialmente sociais ou que decorrem de situações sociais.

O critério de relação/eleição do que estudar.

No mundo atual, as informações e os meios de comunicação nos permitem ter acesso aos lugares mais distantes. O conhecimento é cada vez mais avolumado; cada vez mais abrangente; mais complexo. De acordo com o que cabe à Geografia ensinar, precisamos ter claro como se vai eleger os conteúdos; já que ensinar tudo não é possível, seja pelas condições de duração e quantidade de horas-aula, seja porque é um conteúdo realmente excessivo.

Considerando a concepção de Geografia que temos e a opção metodológica que adotamos, o critério para seleção/eleição do que estudar não pode ser um critério físico de delimitação de área. Não pode ser geológico-geomorfológico (os continentes). Não pode ser limite de fronteiras (os países).

Pelo contrário, o critério deve estar referido ao tipo de fenômeno. E o que deve definir o que vai ser estudado é um PROBLEMA, uma PROBLEMÁTICA, referente a um assunto, a um tema, e não a um espaço delimitado. Essa problemática será situada em um determinado espaço que lhe define a área a ser considerada e a sua localização no espaço; num espaço que é produzido pelos homens. É daí a regionalização dos fenômenos tem a ver com o movimento da sociedade, das relações entre os homens e destes com a natureza.

O regional e o local são recortes da realidade global que devem ser considerados no estudo da Geografia. Por exemplo, no estudo da problemática da produção do espaço regional do Rio Grande do Sul, quais as questões fundamentais para compreender, analisar e explicar o Rio Grande do Sul?

O Rio Grande do Sul é um espaço regional, mas as explicações do que acontece neste Estado, do tipo de espaço produzido nele, não se encontram apenas nos limites do Estado, mas nos demais níveis de análise também (o local, o nacional, e o internacional).

A mesma situação ocorre com referência, à análise do LOCAL. Por exemplo, quais as questões fundamentais para compreender a realidade do local onde vivemos?

Ao estudar o local (o município), o regional (o RS), o nacional (o Brasil) ou qualquer outro nível, não vamos fazer um elenco do que é apresentado no quadro natural, na população, na economia. Mas sim, a partir de questões que são importantes para o desenvolvimento regional ou local, para a vida da população, partir para o estudo do espaço produzido no Rio Grande do Sul ou no município.

E aí entra outra questão metodológica que é o significado desta escala de análise: o que é LOCAL, REGIONAL, NACIONAL, INTERNACIONAL, para além de serem recortes muito presentes nas aulas de Geografia.

Os problemas são das pessoas, dos homens na sua luta pela sobrevivência de acordo com sua cultura, sua história, seu desenvolvimento econômico e o quadro natural do lugar em que vivem. Estas estão localizadas, pessoas com seus problemas, num determinado LUGAR. Mas as explicações, as causas, os motivos não são encontrados apenas no local, nem no momento atual apenas. Devem ser buscadas também noutros níveis maiores, mais distantes, mais amplos e complexos. Tanto o geógrafo quanto o professor de Geografia deve "dispor de um quadro teórico em que possa analisar tanto as condições do meio natural, submetidas também a um processo dinâmico, como conhecer bem a estrutura da sociedade em que vive, dividida em classes sociais." (Andrade; p. 33). A análise globalizada deve considerar ainda o momento histórico em que se vive, assim como a história do lugar.

As explicações para entender a realidade estudada, exigem um vaivém constante entre os diversos níveis de análise, em que se interpenetram as interpretações que decorrem do local ou do regional, considerado em sua totalidade, e os níveis nacional e internacional.

O processo de construção do conhecimento

Há ainda uma outra questão a considerar e que se refere em como fazer isto. As dúvidas serão resolvidas ou encaminhadas não pelo conhecimento geográfico em si, mas tendo-se como referência fundamental as teorias de aprendizagem, que consideramos coerentes com a visão de mundo que temos, com a concepção de Geografia e com o que pretendemos com o seu ensino. Precisamos compreender como se dá o processo de construção do conhecimento. Ou o "saber é transmitido" pelo professor que sabe, ao aluno que ainda não sabe, e que precisa saber, ou se procura encontrar um caminho alternativo em que o estudante constrói o seu próprio conhecimento, um caminho em que ele possa elaborar e reelaborar as suas idéias, confrontando o que já sabe, com informações novas e com o conhecimento cientificamente produzido. Precisamos encontrar a forma de fazer isto nas aulas de Geografia, considerando a experiência que temos e o que diz a literatura referente ao ensino de Geografia, e à compreensão do modo como ocorre a construção do conhecimento pela criança e pelo adolescente. Se a nossa preocupação é formar o cidadão, é ponto básico de partida que lhe oportunizemos as condições e os instrumentos para que conheça e compreenda a realidade em que vive.

Esta realidade não é apenas a próxima de si em termos de espaço e tempo absolutos, mas sim em termos relativos. Dependendo das condições de vida e de

educação que tem o aluno em seu convívio familiar, esta realidade pode estar muito próxima dele, enquanto para outro pode significar uma distância muito grande. De qualquer forma entendemos que, partindo do lugar em que se vive, que se conhece, é mais fácil compreender os fenômenos. É mais fácil organizar as informações, avançando naquilo que se conhece vulgarmente, podendo-se teorizar, abstrair do concreto, na busca de explicações, de comparações, de extrapolações.

Uma forma interessante e adequada é realizar o trabalho da construção dos conceitos, o que supera o senso-comum. As opiniões e o conhecimento que o aluno tem a respeito daquilo que ele conhece e onde ele convive. Supera também o conceito pronto trazido no livro texto ou que é ditado pelo professor, em aula.

Ao construir os conceitos o aluno realmente aprende, por exemplo, a entender um mapa, a compreender o relevo, o que é região, nação, município. Ao conhecer, analisar e buscar as explicações para compreender a realidade que está sendo vivenciada no seu cotidiano, ao extrapolar para outras informações, e ao exercitar a crítica sobre esta realidade, ele poderá abstrair esta realidade concreta, ir teorizando sobre ela e ir construindo o seu conhecimento.

Portanto, ao construir os conceitos, o aluno aprende e não fica apenas na memorização, podendo a partir do aprendido com sua realidade próxima, abstrair, fazer generalizações e entender o que está mais distante de si.

Um aluno que sabe compreender a realidade em que vive; que consegue perceber que o espaço é construído, é produzido; e que nesse processo de produção do espaço local e do espaço regional, consegue perceber que todos os homens que a sociedade é responsável por este espaço, conseguira estudar questões e espaços mais distantes e compreender, para além do aprender, porque o professor quer. Mas aprenderá sim, porque ao construir o seu conhecimento estará aproveitando os conteúdos de Geografia para a sua formação, para ser um cidadão no sentido pleno da palavra.

O conhecimento não brota da realidade, mas todo o aluno tem um conhecimento que vem de casa, e a função da escola e da disciplina de Geografia dentro da escola é fazer com que o aluno supere o senso comum, ao fazer a confrontação da sua realidade concreta com o conhecimento cientificamente produzido. Segundo Gramsci (1990), as representações do mundo que esse senso comum permite são sempre ocasionais e desagregadas, são formas de um conformismo imposto pelo ambiente exterior (ideologia dominante) e por outros grupos sociais. "Por outro lado uma concepção de mundo unitária, coerente e homogênea é formada de uma maneira crítica e consciente, num processo teórico-prático. E para passar da consciência ocasional e desagregada para a consciência coerente e homogênea é preciso criticar a concepção de mundo que se tem, partindo da consciência daquilo que somos - "conhece-te a ti mesmo" e chegando "ao ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido" (Gramsci, 1990, p. 12).

A seleção dos conteúdos a serem estudados deve considerar a realidade dos alunos da escola, para que se alcance aqueles que são o motivo primeiro do processo de educação: - o estudante. Como já foi dito, a quantidade e a extensão do conteúdo são tamanhas que não se pode trabalhar tudo. É preciso uma seleção: o que for trabalhado deverá servir como um instrumental capaz de permitir que o aluno se situe no mundo, compreenda-o, e saiba como buscar as demais informações que precisa.

Considerando essa realidade e o conteúdo específico da disciplina o professor oferecerá a discussão pela turma um conteúdo que não esteja desligado da vida dos alunos e da realidade em que vivem. Além do mais, o ensino da Geografia deve estar adequado ao contexto histórico em que vivem os homens. Ela é uma disciplina que permite ser um instrumento útil para ler e entender o mundo, para exercitar a cidadania e para formar o cidadão.

Mas, para isto, tem que ser mais que um amontoado de conhecimentos soltos e deve estar claro ao professor qual a visão de mundo que está sendo expressa nas aulas. Tem que ir além de um conhecimento estático, de uma paisagem pronta. Deve passar a idéia de movimento, no qual as pessoas ao construírem a sociedade, produzem um espaço com as suas marcas, carregado de historicidade.

Para isto é necessário fazer uma seleção/delimitação do conteúdo. Não se pode estudar tudo. Esta seleção deve contemplar o objetivo que se pretende com o ensino. E este deve estar de acordo com o momento em que vivemos e com a busca de autonomia do sujeito, na medida em que seja possível ensiná-lo a pensar, a questionar, a criticar; ao invés de fazê-lo estudar algo fora de si, pronto e acabado, onde tenha que se acomodar aos parâmetros exigidos.

Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia de. Caminhos e descaminhos da Geografia. Campinas: Papirus, 1989.

MOCHCOVITCH, Luna Galano e GRAMSCI, E. A Escola. São Paulo: Editora Ática, 1990.